

JUVENTUDES E REDES SOCIAIS: PROPOSIÇÕES DE UM ESTUDO NETNOGRÁFICO PARA A EDUCAÇÃO

Ana Carolina Sampaio Zdradek¹
Dinah Quesada Beck²

Resumo: A sociedade contemporânea vive um tempo marcado pela presença das redes sociais. A valorização dada aos recursos disponibilizados nestas mídias é cada vez mais expressiva na comunicação entre as juventudes. Neste artigo analisamos as falas de 19 jovens entre 14 e 36 anos da região Sul do Brasil, os quais permaneceram durante duas semanas no grupo Fala Gurizada, organizado no aplicativo móvel *WhatsApp*. Os interlocutores teóricos estão inscritos no interior dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos da Comunicação. No que se refere aos aspectos metodológicos, trabalhou-se com a netnografia de inspiração pós-crítica. A partir da atitude netnográfica foi possível a problematização de temáticas emergentes, tais como a arquitetura das relações nas redes sociais e a segurança em territórios digitais.

Palavras-chave: Juventudes; Netnografia; WhatsApp; Redes Sociais.

YOUTHS AND SOCIAL NETWORKS: PROPOSITIONS FROM A NETNOGRAPHIC STUDY FOR EDUCATION

Abstract: The contemporary society lives a time marked by the presence of the social networks. The appreciation given to the resources made available in these media is increasingly expressive in the communication among youths. In this work, we analyze the speeches of 19 youngsters aged between 14 and 36, all based in the southern region of Brazil. They stayed for two weeks in the *Fala Gurizada* group, organized in the *WhatsApp* mobile application. The theoretical interlocutors of this analysis are found within the Cultural Studies in Education and in the Communication Studies. The methodological aspects were developed using postcritical-inspired netnography. Emerging issues, such as the architecture of relationships in social networks and security in digital territories, were problematized through the netnographic attitude.

Keywords: Youths; Netnography; WhatsApp; Social Networks.

¹ Universidade Federal de Rio Grande (anacarolinaestudosculturais@gmail.com)

² Universidade Federal de Rio Grande (dinahqbeck@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Para apresentar a pesquisa que desenvolvemos, é preciso dizer que remontamos ao momento em que *nos vimos com asas e na tela líquida voamos*. Acreditamos que os seres humanos, antes gráficos, hoje são também digitais (HEIM, 2000) por possuírem asas imperceptíveis, asas etéreas que podem movê-los na rapidez da conexão entre o *touch* e o pensamento na realidade virtual. Esta compreensão permitiu que se realizasse uma pesquisa à distância e a partir de diferentes estratégias que se utilizam da comunicação digital.

Nosso objetivo consistiu em compreender como as juventudes aprendem ao transitarem entre os artefatos culturais das mídias digitais. Em nosso estudo, conversamos com 19 jovens através do aplicativo móvel de troca de mensagens *WhatsApp* sobre temáticas emergentes no cenário digital, tais como jogos, redes sociais, consumo, relações de gênero e aparências corporais. O artigo aqui apresentado é parte desse estudo maior realizado em nível de Mestrado³. Concentramo-nos em narrativas específicas sobre redes sociais debatidas pelos jovens. Antes, porém, descreveremos os aspectos teóricos e metodológicos que nos permitiram a realização dessa investigação científica em um território considerado *movediço*, o *ciberespaço*⁴.

ESTUDANDO REDES SOCIAIS

Estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no *ciberespaço*. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais (RECUERO, 2009, p. 22).

Na contemporaneidade, o indivíduo que não tem perfil em redes sociais entra no que o sociólogo Zygmunt Bauman alerta como o perigo denominado de morte social, para o estudioso “ou você se envolve ativamente no mundo da TI ou não existe mais. Você pode, logo deve. Você pode estar *online*, logo, deve

³ Trata-se aqui de uma dissertação de Mestrado em Educação. A referida pesquisa contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

⁴ Geografia móvel da informação possibilitada a partir da interconexão mundial com a internet (LEVY, 1999).

estar *online*. Se estiver *off-line*, deixa de participar da realidade. Ponto-final” (BAUMAN, 2014, p.64). A antiga lista de convidados feita a papel e caneta, agora pode ser realizada dentro destes lugares, o convite será enviado para todos os contatos automaticamente e caso você esteja fora desta conveniência, pode ser esquecido.

Iniciamos esta seção com a reflexão acima para que seja possível visualizar o quanto vivemos sob a égide de um tempo no qual o imperativo é o digital, a digitalização da vida. Procuramos compreender como se organizam as relações nas redes sociais entre os jovens⁵ da modernidade líquida⁶ (BAUMAN, 2001).

Bauman (2011) apresenta três categorias geracionais sucessivas a partir do período pós-guerra, são estas: geração *baby bommer*, geração X, geração Y e esboça a constituição da chamada geração Z. Os/as *baby bommer* são aqueles/as nascidos/as entre 1946 e 1964, no intercurso pós-guerra, período sublinhado por significativos aumentos nos índices de natalidade, com o retorno dos soldados que sobreviveram aos campos de batalha e campos de prisioneiros. Ávidos por planejarem um futuro seguro, ao regressarem ainda marcados pelo sofrimento, com lembrança da escassez e privações do pré-guerra, temiam perder a qualquer momento as vitórias conquistadas, compreendendo por vitórias a oferta de empregos e a estabilidade econômica alcançada, mesmo que pequena. Essa geração economizou cada centavo, pensando no futuro de seus filhos e filhas, almejando para estes/as uma vida tranquila, tal qual nunca puderam desfrutar.

A geração X, de acordo com Bauman é composta pelos filhos/as dos/as *baby bommer*, nascidos em um mundo diferente do de seus pais, construído em meio à entrega sacrificial a longas jornadas de trabalho. Essa geração é considerada mais impaciente que a anterior, receberam a alcunha de *megageneration* ou “geração do eu”, uma denominação sarcástica, no sentido de que essa geração, em sua maioria, não se preocupou em planejar “o amanhã”, viveram “o hoje”, o consumo imediato é uma de suas características.

⁵ Os jovens acolhidos na pesquisa são das gerações X, Y e Z.

⁶ Ferramenta teórico-conceitual criada pelo autor Zygmunt Bauman para compreender as transformações sociais e culturais do tempo contemporâneo. Bauman (2001, p. 8) utiliza a metáfora dos líquidos porque estes “[...] não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar”.

A geração Y cresce e vive em um universo de oportunidades e momentos infindáveis de prazer. Não têm como seu objetivo primeiro a estabilidade eterna, pois acreditam que é fácil encontrar outro trabalho. Jornadas de trabalho flexíveis, em casa, licenças de longa duração, diversão e lazer durante o expediente no próprio trabalho auxiliaram a construir e inaugurar esse ideário geracional. Entretanto, segundo o autor, é uma geração despreparada para enfrentar duras realidades, como as vividas pelos *baby bommer*. A geração Y vive em um tempo que passa depressa, os nativos desse tempo não querem esperar muito para alcançar seus objetivos. Tudo acontece depressa, a velocidade é um dos atributos e também uma qualidade desejada. Acostumados/as a viver o instante em que surge um novo celular, uma nova televisão e músicas da moda. Eles/as buscam novos valores, diferentes sabores. O autor fez a prenúncia de uma geração que sucederá a Y, a denominada, geração Z. A geração Z, nascidos após a virada do milênio, gestados no século XXI são conhecidos por nativos digitais, estando familiarizados com a *World Wide Web*⁷, são crianças e jovens extremamente conectados à rede propiciada pela internet.

Raquel Recuero (2009), estudiosa dos Estudos da Comunicação, é autora do livro intitulado *Redes sociais na internet* e, nesta obra, a teórica procurou investigar como estão se constituindo os processos sociais e comunicacionais na sociedade contemporânea. A obra não procura analisar propriedades das redes sociais, mas se debruça sobre o debate em torno da metáfora da rede e sua lógica estrutural nos agrupamentos sociais. Destas operações podem decorrer mudanças no relacionamento do ser digital consigo, com a própria realidade e com os outros seres que partilham tempos e espaços sincronizados ao funcionamento das mídias digitais. Sobre os sujeitos que transitam nas redes sociais a autora os denomina de atores da rede.

Enquanto os atores representam os nós (ou nodos) da rede em questão, as conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez são formados através da interação social entre os atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco de estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos (RECUERO, 2009, p. 28).

⁷ Significa Rede de alcance mundial na língua portuguesa.



Segundo a autora são estas conexões que importam ser problematizadas, porque estas conexões remetem a intensidade dos laços sociais entre os atores na rede. Suas argumentações estão alicerçadas em Mark Granovetter (1973), o qual publicou a tese de doutorado intitulada “A força dos laços fracos⁸”. Nessa pesquisa o autor analisou e problematizou o modo como se constituíam essas conexões, bem como a sua relevância na compreensão das relações na contemporaneidade. Relações cuja estruturação é atravessada veloz e intensamente pelas redes de relacionamento existentes no ciberespaço.

Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os laços fracos possuem trocas mais difusas (RECUERO, 2009, p. 41).

Os laços, sejam fortes ou fracos, são estruturadores da rede social, a intenção de Recuero relaciona-se a problematização destas formas de conexão e não à valoração de quais desses laços são mais ou menos importantes. Na próxima seção explicitamos a metodologia da pesquisa e contextualizamos a investigação proposta no artigo.

A NETNOGRAFIA COMO ATITUDE TEÓRICO-METODOLÓGICA

Os endereçamentos dessa pesquisa apresentam um diferencial significativo no que diz respeito às composições teórico-metodológicas delimitadas na escolha do *campo* de pesquisa no qual nos inserimos para desenvolver o estudo. Foi assumida uma postura característica dos Estudos Culturais na qual fazemos “escolhas metodológicas de acordo com as demandas postas pelo problema da pesquisa [...]” (SALES, 2014, p. 115). Consideramos, assim, importante mencionar qual foi o campo em que a pesquisa aconteceu e, deste modo,

⁸ Universidade de Harvard (1973).

justificamos esta escolha. As singularidades e as rotas escolhidas nesta investigação confluíram para uma atitude investigativa que desejou que os sujeitos da pesquisa fossem frequentadores dos lugares virtuais que as conexões com a internet possibilitavam. Por entendermos que a “juventude contemporânea está imersa no universo cibercultura” (SALES, 2014, p. 114). Compartilhamos de uma atitude teórico-metodológica que pede “responsabilidade, ética, rigor e acima de tudo criatividade e ousadia (SALES, 2014, p. 130)”.

Buscamos inspiração na metodologia intitulada *netnografia*, a qual consiste em fazer do ciberespaço um território de investigação. Este aparato teórico parte das compreensões e pesquisas desenvolvidas na vertente pós-crítica (MEYER e PARAÍSO, 2014), a qual permite *bricolar*, fazer composições, a fim de multiplicar sentidos no material de análise.

Nesse sentido, nossos ensaios de análises foram construídos a partir dos ambientes virtuais, tais como sites, redes sociais e aplicativos móveis de troca de mensagem. Na *netnografia* podem ser feitas observações e até mesmo entrar em contato com sujeitos a partir de seus perfis e canais de comunicação. As linguagens articuladas no ciberespaço contêm características diferenciadas, segundo Shirley Rezende Sales (2014, p. 121):

Em termos metodológicos, ao se transitar na fronteira da cibercultura marcada pelo internetês, depara-se com vocabulários, símbolos ou expressões que não são imediatamente reconhecíveis. Há linguagens muito específicas de certos grupos culturais dos quais nem sempre o/a pesquisador partilha sentidos. Diante desse impasse, por vezes, é necessário solicitar aos membros desses grupos que traduzam aquilo que não se pode compreender.

Ao delimitarmos que a realização da pesquisa com os jovens aconteceria através dos dispositivos móveis estivemos ciente que seria desafiador, que era preciso enfrentar uma prática de pesquisa complexa e singular, ou ainda, uma composição teórico-metodológica que ganhou espaço e legitimação somente com a virada do milênio (HINE, 2004), e com o próprio crescimento, expansão e modernização da tecnologia digital. Consideramos importante apresentar nomenclaturas que também se referem a esta forma de pesquisar, Sales (2014, p. 118) menciona alguns destes termos variados para denominar o modo como a etnografia acontece nos ambientes virtuais: “‘etnografia digital’, ‘etnografia online’, ‘etnografia na internet’, ‘ciberetnografia’ e o próprio termo ‘netnografia’”. A partir da netnografia (etnografia virtual), construímos este exercício atento de investigação.

Assim como Elisabete Garbin (2003, p. 9) compreendemos que um material empírico produzido a partir da rede está problematizando comunidades culturais emergentes, tendo em vista que “relações se estabelecem através dos bate-papos, identidades se constituem, umas negociam com as outras, aproximam-se, identificam-se, atravessando distâncias geográficas reais étnicas, na busca de similaridades “tribais” [...]”. Escolhemos trabalhar com a *netnografia* por estarmos justamente interessadas em compreender como os jovens que estão inseridos diariamente nas mídias digitais aprendem modos de ser e estar na cultura contemporânea, tendo liberdade para trabalhar a partir de diálogos, aparentemente informais, através dos quais os jovens expressam-se em uma comunicação fluída.

A primeira atitude teórico-metodológica da pesquisa foi organizarmos um convite e publicamos no grupo institucional do *Facebook*⁹ da nossa universidade de origem. Compreendemos assim como Antonella Lacovone, Gabriela Possoli e Patrícia Rauli (2015 p.111) que a rede social *Facebook* “trata-se de um campo fértil para pesquisa e carente de sistematizações de conhecimentos construídos [...]”. Neste convite anunciamos que havíamos construído um grupo no aplicativo móvel de troca de mensagens *WhatsApp*¹⁰, no qual estávamos interessadas em debater temas do cenário midiático e digital.

Após uma semana da postagem na rede iniciamos o grupo composto por 21 participantes com faixas etárias entre 14 e 36 anos, constituído por 1 estudante do Ensino Fundamental, 5 estudantes do Ensino Médio, 10 graduandos de diferentes cursos universitários, 2 estudantes de Pós-Graduação e 3 profissionais de diferentes áreas, sendo estas: Assistência Social, Licenciatura em Artes Visuais e Pedagogia. Cabe acrescentar que durante o funcionamento do grupo desligaram-se 2 integrantes, permanecendo até o fim 19 sujeitos. O grupo no *WhatsApp* foi intitulado de “Fala Gurizada” por ser composto de pessoas da

⁹ Rede social fundada em 2004. Na produção filmica “A Rede Social” dirigida por David Fincher é possível visualizar a idealização do projeto o qual atualmente conhecemos como *Facebook*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Rede_Social_. Acesso em: 20/06/2016.

¹⁰ O *WhatsApp* foi fundado por Jan Koum e Brian Acton que, juntos, passaram quase 20 anos no *Yahoo*. O aplicativo *WhatsApp* possui mais de um bilhão de *downloads*. Disponível em: https://www.whatsapp.com/about_ Acesso em: 20/01/2017.

região Sul do Brasil e possuiu a duração de duas semanas¹¹. Na abertura do grupo sugerimos um momento de apresentação de cada um de nós e logo após começamos os *posts*, ou seja, a postagem de materiais que funcionaram como disparadores de discussão, os quais havíamos selecionado previamente.

Felipe e Guizzo (2004, p. 06) estudiosas do campo dos Estudos Culturais em Educação mencionam que existe a “possibilidade de se promover grupos de conversa a partir de artefatos – como propagandas, brinquedos, filmes – que sirvam como “deflagradores” e uma possível discussão no grupo”.

O artefato cultural utilizado como disparador de discussão, o qual deflagrou as discussões apresentadas no ensaio de análise consistiu em um videoclipe musical. O videoclipe “*How Can it Be*”, cuja tradução significa “Como pode ser”, é um videoclipe produzido em Toronto, o qual foi lançado no dia cinco de agosto de 2015 no Canadá. Seus criadores são Harrison, Ryan Hemsworth e Star Slinger. O *clip* compartilha o rompimento de um namoro por mensagem de texto em um aplicativo móvel. Alguns comentários foram tecidos no Stereogum¹², local onde foi lançado pela primeira vez o *clip*. Estes mencionam que a grande expressividade do *clip* se encontra no fato de que as imagens cabem na tela do telefone perfeitamente, de maneira que lança o espectador a ver aquele que está terminando um relacionamento distante, ressalta ainda que parece que as pessoas estão lidando melhor com outras por uma tela, do que pessoalmente¹³. É importante mencionar que as narrativas dos jovens transcenderam o assunto inicial provocado pelo *clip* (disparador de discussão), os integrantes do grupo reportaram-se a outras questões referentes ao universo digital, além do que nos utilizamos de informações ao longo das análises que foram possibilidades a partir da netnografia enquanto metodologia de pesquisa.

Ressaltamos que por questões éticas os nomes dos/as participantes foram utilizados apenas com suas iniciais de seus nomes e com o número

¹¹ A produção do material empírico aconteceu no mês de julho de 2016. Consideramos que o *WhatsApp* segue com atual predominância na comunicação contemporânea. Sendo assim, o material analisado é produtivo ainda em 2019.

¹² Um dos primeiros blogs de MP3. Criado em 2002, disponível em: <http://www.stereogum.com>. Acesso em 10/03/2016.

¹³ Tradução nossa. Texto original em inglês disponível em: <http://www.stereogum.com/1820126/harrison-how-can-it-be-feat-maddee-video-stereogum-premiere/mp3s>. Acesso em 10/03/2016.

correspondente à idade ao lado. As falas transcritas estão sinalizadas com a expressão “sic” ao lado para sinalizarmos que foram utilizadas sem alteração ortográfica.

“ALGUNS EU DEIXO NO LIMBO”: DISCUTINDO A COMUNICAÇÃO DIGITAL

Iniciamos este ensaio de análise a partir da contribuição da participante V_34, a jovem iniciou o diálogo mencionando que alguns sujeitos ela deixa no *limbo*. A participante proferiu esta fala ao referir-se sobre o modo como lidava com algumas solicitações e convites de pessoas, às quais por diferentes razões a adicionavam em redes sociais. Procuramos problematizar o que simboliza este espaço, o do limbo? Quem vai para lá e por quê?

Metaforicamente a palavra assumiu na linguagem contemporânea o sentido de “estado vago, incerto”. Este estado vago é o espaço ocupado pelo sujeito que é colocado “no limbo” que a participante V_34 menciona, este limbo quando se trata de redes sociais, se refere aos contatos que ficam na lista de espera para serem aceitos ou não.

Nesse contexto, estes espaços remontam à reflexão de Bauman (2008, p. 76) quando provoca fazendo a seguinte problematização: “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade”. Ou seja, quando um jovem aceita ou não outro contato para compor sua lista de amigos, ele está legislando sobre o outro, julgando se este está de acordo com os critérios que valoriza ou prioriza naqueles que serão a partir de agora conhecidos/as socialmente como “seus amigos”. Semelhante ao que acontece quando alguém adquire qualquer produto ou bem de consumo, de acordo com seus interesses ou necessidades. Os sujeitos aprendem a ter a sua prateleira de contatos, deixando no limbo aqueles que ainda estão sob exame.

A partir do disparador de discussão os jovens começaram a expor suas opiniões a respeito do término de uma relação entre namorados pela internet. Sobre isso alguns jovens fizeram as seguintes colocações:

P_26: Terminar um relacionamento pelo meio virtual é, ao meu ver desonesto e covarde. Falta de coragem de olhar na cara e dizer o que realmente sente e, por isso fica fácil utilizar o meio social pra terminar um relacionamento ou dizer qualquer outro tipo de coisa. Tendo em vista que “estamos protegidos” atrás da tela do computador, smatphone ou tablet.

E_36: Acho que o telefone facilitou muito. Sobre acabar por meio das mídias, as vezes ficamos com tanta raiva que nem conseguimos mais olhar na cara da pessoa.

N_22: Bom quando eu tinha 15 anos tinha um namoradinho, nós brigávamos muito e sempre terminávamos e voltávamos pela internet era engraçado pq do nada agente apagava tudo do Orkut depois colocávamos tudo de novo só que a dota d'Água foi quando descobri que ele me traiu e terminei por msn, pra mim foi ótimo terminar pela internet pq gostava muito dele e acho que pessoalmente não teria coragem. [sic]

A primeira fala contrasta com as outras duas, nesse sentido existe uma tensão entre as colocações dos jovens e algumas possíveis problematizações, sobre as quais nos debruçamos atentamente para analisar. É importante perceber que nas três falas estão expressas possibilidades de relacionar-se através da mídia social para resolver problemas, o primeiro participante, P_26 acredita ser desonesto terminar com vínculos afetivos pelo meio virtual. A participante E_36 enxerga a atitude como uma solução para diminuir a raiva e não precisar ver a pessoa que a desagradou pessoalmente. A terceira participante N_22 menciona ainda alguns conflitos que passou:

N_22: Nós brigávamos muito e sempre terminávamos e voltávamos pela internet era engraçado pq do nada agente apagava tudo do Orkut depois colocávamos tudo de novo”. [sic]

A questão mencionada é importante no que diz respeito às redes sociais de alguns sujeitos. A possibilidade de deletar rastros digitais e customizar o perfil acontece de maneira muito rápida. Quando se trata de rede social entre os jovens, todo o circuito social de contatos passa a ter audiência no cenário de um possível conflito vivido entre duas pessoas, caso estas tornem públicas discussões e mudanças de *status* de relacionamento. Os jovens parecem não ter um comum acordo entre isso, alguns acreditam ser positivo, outros não gostariam de viver essa situação, acreditando ser uma falta de coragem o rompimento de uma relação por rede social.

Ao terminar uma relação N_22 relata que tinha o trabalho de apagar tudo relacionado à outra pessoa de sua rede social. O tensionamento existente entre

as três falas, se refere às diferentes formas de viver a juventude na rede social no que se trata de relacionamento. Nesse sentido, segundo a pesquisadora Rosali Henriques (2010, p. 44): “Muitas de nossas informações pessoais não estão sob o nosso controle, pois uma vez lançada na internet perdemos o controle sobre elas. Estas informações vão se acumulando e se transformando em rastros digitais na internet”. A afirmação da autora sobre os rastros digitais é bastante fértil, pois mesmo que N_22 e seu parceiro apagassem tudo, outras pessoas poderiam ter salvado os arquivos do casal, uma vez que possam ter aparecido em alguma imagem ou por outra razão. Nesse contexto, se torna difícil apagar uma situação, uma vez que ela tenha aparecido e ganhado espaço na mídia digital. A presença do sujeito contemporâneo na rede começa muito antes do que se poderia imaginar no século XX.

E a presença nas redes sociais começa bem cedo, antes mesmo do nascimento, através de ultrassons e imagens 3D dos rostos dos bebês nos úteros maternos, postados por suas mães ou pais. Podemos afirmar que os rastros digitais são a nossa identidade pessoal na rede mundial de computadores. E essa identidade pessoal virtual não é muito diferente da nossa identidade física (HENRIQUES, 2010, p. 45).

Essa exposição ou não das imagens digitais no circuito de amizade em rede dependerá das configurações de privacidade escolhidas pelos sujeitos nesses espaços. Parece existir outra relação no modo como se lida com as virtualidades, como espaços de memórias ancorados em imagens. Estas imagens se propagam em alta velocidade, algumas delas “viralizam” e independente do conteúdo que informem ganham centralidade por um curto período de tempo, sobre o que o participante M_29 fez a seguinte colocação:

M_29: Eu acredito q esse ponto da satisfação com a imagem, do se importar com quantas pessoas aprovam tua imagem, tua vida, algo q deve ser pensado a fundo. Nossa sociedade está se definindo por aquilo q pode ser “viralizado” ou não. Sucesso até pouco tempo era ter um emprego incrível e coisas materiais. Hj sucesso é ter fama, é ser reconhecido, independente do porquê. Tem até ladrão q por aparecer nesse programas sensacionalistas vira “herói da internet” pela fama. [sic]

A fala de M_29 nos instiga a pensar no aumento de canais de divulgação das informações, os quais propagam vídeos, imagens e textualidades diversas. Nesse cenário o *Youtube* possui grande influência e sobre isso os pesquisadores Jean Burgues e Joshua Green (2009, p. 9) mencionam:

O fascínio da imagem atinge seu ápice quando nós somos a própria mensagem. Talvez por isso o YouTube seja um irresistível local dessa enorme ágora virtual que, independentemente dos seus problemas e formatos, permite a cada um ser a própria mídia, celebridades do nosso cotidiano (BURGESS; GREEN, 2009, p. 9).

Nesse cenário, no qual o jovem contemporâneo pode ser a própria mensagem, é importante a problematização sobre as conexões travadas pelos sujeitos nas redes sociais. É importante refletir sobre duas metáforas criadas por Bauman (2002), as quais se fazem produtivas para a compreensão da arquitetura dos relacionamentos das redes sociais. É importante ressaltar que para Bauman (2002, p. 59) “as metáforas ajudam a imaginação”. O autor, ao falar sobre a instabilidade dos vínculos criados e desfeitos nas novas sociabilidades protagonizadas pelas redes de conexões, menciona a diferença entre *nadar* e *surf*.

Surfar é uma palavra recém popular que captura sagazmente a nova mentalidade do novo mundo de incerteza. É mais rápido surfar do que nadar, e não nos obriga a mergulhar naquela substância fluida através da qual (mas sobre a qual no caso de um surfista habilidoso) nos movemos. Ao surfar o contato com a substância nunca é mais do que cutâneo e uma toalha será suficiente para limpar os poucos vestígios de umidade do corpo (id, p. 182).

Nesse sentido, é possível compreender que existem alguns lugares das mídias digitais que se assemelham às metáforas utilizadas por Bauman no que se refere ao modo como o sujeito transita na rede. No *Instagram*¹⁴ é possível, a partir de diferentes *hashtags*, encontrarmos temas da afinidade de cada sujeito. Procuramos algumas das palavras-chaves citadas pela participante V_34 no diálogo do Fala Gurizada para elucidar a questão.

Ao procurarmos as *hashtags* mencionadas pela participante encontramos um total de 7.466.659 publicações para #natureza, 26.786.743 para #pets, 136.643 para #horta e 628.153 para #jardim. Estes números sinalizam o modo como às mídias digitais criam culturas, linguagens, modos de relações e uma gama visual vasta. Segundo Rodrigo Castro (2014, p. 72) o *Instagram* funciona como

¹⁴ Rede Social de Imagens para usuários dos sistemas Android e IOs. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/o-que-e-o-instagram.html>. Acesso em: 07/02/2017.

“lentes de captura do mundo”. Castro realizou uma pesquisa na qual procurou investigar a utilização do Instagram como produtor de sentidos nas práticas educativas das juventudes em contexto escolarizado.

A partir do exposto, um exemplo de rede a qual sugere pensar que os usuários nadem, pois é solicitada uma dedicação intensa do usuário, consiste na plataforma *Medium*¹⁵, nesse espaço os jovens têm produzido diversos textos com liberdade, os quais são rejeitados, muitas vezes, quando são expostos em outras redes sociais. É preciso lembrar que uma das características recorrentes quando se fala em internet é a noção de comunidades, ou seja, os sujeitos se agrupam por afinidades, o que acontece também nas duas redes citadas.

Destacamos ainda que não se trata de estabelecer juízos de valor entre uma rede ou outra, procuramos demonstrar as diferentes possibilidades de comunicação e interação disponibilizadas por diversas redes, as quais procuram compreender as particularidades e intenções de seus usuários, com liberdade de expressão.

No ciberespaço existem vários tipos de zonas, constituídas por diferentes terrenos; uma dessas zonas é passível de ser comparada a um terreno pantaneiro, movediço e perigoso. Em ambientes como este transitam algumas pessoas que parecem “surfear” com leveza sobre os ambientes e relacionamentos em rede, mas que gradativamente demonstram atitudes de uma “viscosidade” indesejada, forçando situações e intimidades não autorizadas pelo/a outro/a com que se relaciona. Pessoas com essa prática ganham nas redes o nome de *Stalker*¹⁶, esta temática foi amplamente problematizada através das trocas de mensagens no grupo Fala Gurizada quando os participantes: M_29, B_19, P_26, L_16, V_34 e A_18 trouxeram ao grupo experiências pessoais que se tornaram importantes para a compreensão do contexto discursivo analisado.

¹⁵ O *Medium* é uma plataforma de publicação de blog fundada pelo co-fundador do *Twitter*, Evan Williams, em agosto de 2012. A plataforma é conhecida por ser um ambiente de produção textual intensa. Disponível em: <https://medium.com>. Acesso em: 07/02/2017.

¹⁶ Derivado do termo *cyberstalking*, são táticas de perseguição invasivas nas quais se utilizam os meios digitais para perturbar a privacidade de um sujeito. O termo é derivado da língua inglesa “*to stalk*”, a qual na língua portuguesa significa “perseguir incessantemente”. Na legislação brasileira ser um *stalking* configura-se em uma contravenção penal. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Stalking>. Acesso em 08/02/2017.

M_29: Há muito tempo atrás eu era estagiário em uma escola e fiquei com um colega de trabalho. Ficamos duas vezes uma semana de diferença mais ou menos. Daí a moça começou a me enviar inúmeras SMS, tipo querendo saber oq estava fazendo, onde eu estava e tal. Descobriu até o número da minha mãe. E se eu n respondia, ela mandava mensagens para minha mãe. Olha que doideira. Bom, eu lembro de ficar meio assustado pq n tinha interesse em me comprometer nem nada, nem tampouco havia falado de namoro. Na 3º semana depois da segunda vez que ficamos, ela começou a aparecer em alguns lugares que eu ia (além do trabalho). Como ficou pior do que podia imaginar, pedi pra ela se afastar por SMS.

B_19: Sempre tem aquelas pessoas sem noção que começam a curtir tuas fotos continuamente. Ou quando eu não aceito insta, vão me procurar no Face. Eu já logo falo: Se você não me conhece, pede a solicitação e explica por que quer me adicionar. Caso contrário, não vou aceitar. Só tenho amigos e conhecidos no Face.

P_26: Eu não deixo a marcação de lugares. Eu acho perigoso. Um amigo meu viajou e n pode postar foto, justamente pq o ex podia ir. Eh complicado, ele ficou meio com medo. Daí viajou nas férias e não postou nada. Só quando voltou.

L_15: Boa noite, acho que nunca fui stalkeada. Mas teve uma vez que uma menina me “obrigou” a ser amiga dela foi bem estranho e tenso.

V_34: A minha lista de bloqueios é grandinha. Ainda mais quando percebia perfis fakes.

A_18: Uma vez um menino que conheci em um encontro poderhead ficava me falando por Facebook um monte de coisas ruins e tau e tbm falava q queria se matar, eu achei q era conversa e q ele tava ficando cada vez mais estranho e daí dei block e pronto (risos). [sic]

Ao narrarem suas experiências pessoais os participantes do grupo Fala Gurizada construíram potentes materiais sobre o modo como os relacionamentos evidenciam uma arquitetura adversa na liquidez em que se vive, com estruturação e modos de funcionamento diferentes do que se conhecia e vivia nos tempos sólidos. A respeito das tramas discursivas entremeadas nas experiências pessoais, trazemos o pensamento de Jorge Larrosa (2002), o qual atribui significativa importância para o saber da experiência.

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão

ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente (LARROSA, 2002, p. 25). [grifos do autor]

Assim sendo, o autor aborda o tema da experiência sem desprender esta da linguagem a qual atravessa o mundo em que os sujeitos se constroem. Esses pensamentos, dispostos em palavras e alicerçados em vivências são importantes quando se pesquisa no campo da Educação. Dessa forma, retomamos as colocações dos jovens no que diz respeito aos “stalkers” do ciberespaço. O participante M_29 inicia o diálogo comentando sobre as atitudes invasivas tomadas por uma jovem com a qual se relacionou brevemente. Na tentativa de resolver a situação M_29 utilizou o recurso da mídia digital – MSN¹⁷, para pedir o afastamento da jovem. Seguindo esta esteira de análise B_19 diz que toma atitudes quando se sente perseguida por alguém que não conhece:

B_19: Eu já logo falo: Se você não me conhece, pede a solicitação e explica por que quer me adicionar. [sic]

Antes de aceitar ou não uma pessoa na rede social a jovem se certifica do porque esse sujeito quer fazer parte da sua rede. Esse aspecto é importante e sobre isso, Bauman (2011, p. 37) contribui ao explicar no que consiste demarcar uma fronteira entre público e privado.

“Demarcar uma fronteira” significa que as probabilidades de transitar entre as linhas estabelecidas são manipuladas e diferenciadas (alguns tipos de tráfego são mais ou menos intensos) em relação ao que poderiam ser caso não existissem limites. A liberação total do tráfego acabaria com a própria ideia de fronteira. O controle e o direito de decidir quem e o que terá permissão de passar e quem e o que deve permanecer de um lado (quais itens de informação têm prerrogativa de permanecer privados e quais são autorizados a se revelar publicamente) – em geral tópicos fortemente contestados constituem a razão para a delimitação de uma fronteira. [grifos do autor]

¹⁷ The Microsoft Network – MSN, lançado em 1995, pela empresa Microsoft. O programa funcionou no Brasil com maior intensidade na primeira década dos anos 2000, após este período foi gradativamente substituído por outros programas.

A partir da contribuição do autor, é possível compreender que os/as jovens do grupo Fala Gurizada têm colocado limites para o tráfego dos sujeitos entre as informações de seus perfis. O jovem P_26 corrobora para a visualização de como funciona esse limite na rede social ao dizer:

P_26: Eu não deixo a marcação de lugares. Eu acho perigoso. [sic]

A marcação de lugares é um recurso de controle bem articulado, presente nos lugares convencionados de comunicação em rede. Quando o sujeito está em um lugar é possível fazer um *Check-in*, mostrando para todos/as os contatos sua localização precisa. No caso do jovem P_26, ao mencionar o quanto entende ser perigoso, demonstra que nem todo/a jovem sente-se confortável com estes recursos de hiperexposição (LIPOVETSKY; SERROY, 2011). O participante narrou o modo como um amigo se preservou para não ser encontrado, não postando nenhuma fotografia ao fazer uma viagem.

Nas colocações dos demais participantes aparecem termos relacionados a cibercultura, cultura produzida pelos/as habitantes do ciberespaço. Os termos ditos por L_16, V_34 e A_18 são estes: *stalkeada*, *fake*, *poterhead* e *block*.

O primeiro se refere ao crime da perseguição, o termo não é apenas uma gíria, o mesmo consiste em uma atitude criminalizada. Em uma pesquisa realizada por Ana Coquin (2015, p. 13) sobre o *stalking*, a pesquisadora ressalta: “Estima-se que, atualmente, entre 200.000 a 1.400.000 pessoas sejam vítimas deste crime por ano”. A autora menciona que é um mito pensar que apenas as celebridades são atingidas, pode acontecer com qualquer sujeito e muitas informações privilegiadas sobre as vítimas são obtidas através das redes sociais.

Sobre o segundo termo - *fake* se refere a atitudes de usuários ao esconderem-se atrás de uma identidade falsa, os “falsos” ou “*fakes*” se passam por alguém que não são, assumem outra identidade. Na fala da participante V_34 é possível perceber o quanto estes perfis são repelidos nos lugares convencionados de comunicação em rede. Talvez os usuários *fakes* utilizem-se de recursos de imagens e informações erradas para protagonizar uma existência em rede com a qual estes não tem coragem de viver em seus cotidianos. Pode ser ainda que façam uso de um perfil *fake* para descobrirem informações de uma determinada instância. Cabe destacar que a participante V_34 compartilhou que criou uma conta *fake* na rede social, a jovem menciona:

V_34: E para jogar o The Sims Free Play criei um face fake para cumprir algumas missões do jogo e meus amigos não jogam The Sims. [sic]

A participante, para não interferir em sua rede social oficial, criou outra rede falsa apenas para jogar virtualmente sem que seus amigos vissem e formulassem juízos de valor sobre sua atitude. Nesse contexto, Viviane Camozzato (2007) menciona as seguintes considerações:

Acredito que os nomes adotados nos perfis *fake* também agem como marcadores identitários, na medida em que eles 'falam', de certo modo, de relações de pertença que atravessam os sujeitos, tais como gênero, nacionalidade, etnia, geração, entre outras marcas. É na forma de serem outros-de-si-mesmos que são construídos seus perfis *fake*, *nicknames...*, pois não raro nos deparamos com pessoas que, admitindo tê-los, assumem que se posicionam diferentemente em cada um deles (CAMOZZATO, 2007, p. 41). [grifos da autora]

Através das questões abordadas pela autora é possível refletir sobre as estratégias adotadas pelas juventudes nas mídias digitais, nas quais os perfis *fake* são amplamente conhecidos e utilizados em determinadas situações na rede. Apesar de alguns destes perfis possuírem um caráter lúdico, condutas inadequadas podem ser cobradas na justiça.

Nesse contexto também entram em discussão os discursos de ódio (LOURO, 2015). Segundo Guacira Louro, é preciso pensar: O que fazer diante de discursos de ódio? Como lidar com eles?

A autora reflete sobre os discursos de ódio partindo de uma produção audiovisual brasileira, o filme *As melhores coisas do mundo*¹⁸. Na produção citada, um pai assume para o filho uma relação homossexual, a partir disso os colegas do jovem começam a debochar a todo instante deste sujeito no ambiente escolar. Este cenário é produtivo para as questões analisadas, na arquitetura das relações na mídia digital estão postos discursos de ódio de toda origem, os quais

¹⁸ Filme brasileiro dirigido por Laís Bodanzky e roteiro de Luiz Bolognesi, estreado em 2010. Distribuição: Warner Bros.

são protagonizados algumas vezes por perfis *fake* e outras por perfis verdadeiros. Esses discursos produzem sujeitos, os quais são levados a se reconhecer na posição nomeada.

Quando alguém é chamado de “criolo”, “bicha” ou “sapatão”, esse alguém é intimado a se reconhecer nessa posição de sujeito. Admitindo o caráter performativo da linguagem, a nomeação produz o sujeito que nomeia. E, como podemos perceber, essas palavras não são neutras (de fato nenhuma palavra é neutra). Elas têm uma carga histórica (LOURO, 2015, p. 291).

Dentre os termos, sobre os quais temos discutido os efeitos de sentido, estão as palavras *poterhead* e *block*, utilizadas pela jovem A_18 ao descrever uma situação elucidativa sobre os modos como se comportam e comunicam os jovens ao se relacionarem entre si nas redes de relacionamento. É comum neste contexto o uso de vocabulário distinto, composto por palavras em inglês, gírias, abreviações e palavras deslocadas do contexto usual. Nesse sentido: “A criação do internetês parece uma estratégia de distinção dos internautas (SALES, 2014, p. 119)”. Um exemplo de internetês utilizado pela jovem foi a palavra “*block*”, a qual foi adaptada do inglês para formar o sentido de “bloqueio”. Nesse caso, A_18 se refere ao modo como bloqueia usuários inoportunos que possam perturbar sua movimentação nas redes sociais.

Quando os participantes do grupo Fala Gurizada leram a mensagem de A_18, a maior parte dos integrantes não conhecia o significado do termo *poterhead*, porque este é utilizado por uma determinada comunidade, diferente do termo “*block*”, que é compreendido por quase todos aqueles que utilizam a internet, mais especificamente as redes sociais. Em tradução livre o termo significa Potter na cabeça, a mesma diz respeito ao personagem Harry Potter da saga literária e audiovisual da autora britânica J. K. Rowling. Assim, os que não compartilham dos mesmos interesses desse grupo, desconhecem seu significado. Os “*poterhead’s*” constituem-se em todos aqueles que se agrupam fisicamente ou virtualmente para compartilhar estilos, comportamentos e produtos relacionados aos personagens da saga.

Ao perceber os efeitos de sentidos (FISCHER, 2012) produzidos em cada fala de um participante do grupo Fala Gurizada esta categoria se propôs a problematizar a arquitetura dos relacionamentos em rede. Retomamos a fala de A_18, a qual nos apresenta uma nomenclatura produtiva para a compreensão das juventudes contemporâneas imersas nas mídias digitais.

A_18: Uma vez um menino que conheci em um encontro potterhead ficava me falando por Facebook um monte de coisas ruins e tau e tbm falava q queria se matar, eu achei q era conversa e q ele tava ficando cada vez mais estranho e daí dei block e pronto (risos). [sic]

A fim de evidenciar o rompimento de uma conexão indesejável, quando sem querer investigar o que o sujeito dizia, reprova seu comportamento e simplesmente dá um *block* (bloqueio). Atitude esta sobre a qual compreendemos que se relaciona com o modo como em um toque líquido é possível romper uma conexão por meio da rede social. É válido mencionar que este ensaio de análise possibilita reflexões sobre o modo de funcionamento que estrutura uma rede social e suas implicações nas sociabilidades juvenis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a partir da *netnografia* de inspiração pós-crítica e da criação do Grupo Fala Gurizada foi possível compreender diversos modos de existência juvenil, sempre tendo o cuidado de não universalizá-las. Esmiuçamos as perspectivas pós-críticas para questionar as subjetividades presentes no material empírico construído no exercício das estratégias metodológicas escolhidas. Através dos diálogos possibilitados pelo aplicativo móvel de troca de mensagens *WhatsApp*, tivemos como ilustram Dagmar Meyer e Marlucy Paraíso (2014, p. 19), a alegria de “ziguezaguar no espaço entre os objetos” a serem investigados. Do mesmo modo, reconhecemos que os diálogos dos jovens se alicerçaram nas suas próprias experiências. Sendo assim, parece-nos possível dizer que somente a partir de si e das suas vivências estes conseguiram expressar-se com relação aos disparadores de discussão.

Os jovens ciborgues (HARAWAY, 2009; BAUMAN, 2001) protagonizam muitos cenários, é sobre como aprendem a relacionar-se nas estruturas das redes sociais e nas convenções organizadas por estas instâncias que este artigo se dedicou a problematizar.

Os aplicativos de troca de mensagens instantâneas modificaram a lógica das comunicações no mundo contemporâneo, os/as jovens participantes do grupo Fala Gurizada, concordam com o fato de que parece não haver possibilidade de retorno a outros modos de interação. Aliás, eles/as sinalizam a possibilidade de surgirem outras formas ainda mais aprimoradas para a eficácia da comunicação

via aplicativos. Desse modo, a escola precisa encontrar maneiras de se apropriar e usar toda essa fecundidade presente nos artefatos culturais das mídias digitais a favor da construção de aprendizagens que permitam que os/as jovem se movimentem na liquidez contemporânea com criticidade e discernimento no uso das possibilidades que essas mídias digitais lhes disponibilizam.

Bauman (2010, p. 214-215) aborda amplamente essa questão e faz menção a uma expressão usada entre os membros das comunidades: “[...] minhas comunidades tem de ter interesses semelhantes, caso contrário seria uma conversa de pato com papagaio”, ou seja, um não consegue compreender o outro. O aspecto que desejamos evidenciar está posicionado na possibilidade de comunicação e interação que está emergindo entre as juventudes e as instâncias educativas. Estarão estabelecendo uma conversa “de pato com papagaio”?

Cabe a sociedade, talvez nesse momento saturado de instantaneidade, informações e transformações evitar caminhos de via única e considerar que os artefatos culturais das mídias digitais, assim como outros artefatos de caráter pedagógicos reconhecidos, educam e exigem que “o pato” e “o papagaio” possam se comunicar, interagir. Quiçá essa possa ser a contribuição alquímica desse recurso - *WhatsApp* - para a escola e para o jovem do século XXI.

Com efeito, este artigo procurou demonstrar que os jovens através dos laços fracos (GRANOVEITTE, 1973) estruturam processos de comunicação e estes *processos* constituem a base que fortalece o ambiente digital. Por fim, é preciso compreender que as redes sociais educam os jovens, subjetivando-os, no que a metodologia netnográfica se mostrou produtiva para problematizar questões como a segurança em territórios digitais e as diferentes sociabilidades juvenis às quais pululam na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade sitiada*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.



BAUMAN, Zygmunt. *Vida à crédito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Habitantes da cibercultura: *Corpos 'gordos' nos contemporâneos modos de produzir a si e aos outros*. 182f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CASTRO, Rodrigo Inacio. *Instagram: produção de imagens, cultura mobile e seus possíveis reflexos nas práticas educativas*. 155f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Pelotas, 2014.

COQUIM, Ana Isabel Anastácio. *Stalking! Uma realidade a criminalizar em Portugal?* 74f. Dissertação. (Mestrado em Direito). Faculdade de Direito. Universidade de Coimbra, 2015.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GARBIN, Maria Elisabete. Cultur@s Juvenis, Identid@des e internet. Questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, SP, n. 23, p. 110-135, mai./ago, 2003.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. *The American Journal of Sociology*, vol. 78, n.6, p. 1360-1380, 1973.



GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HEIM, Michael. *Virtual Realism*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. *Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais*. 160f. (Doutorado em Memória Social). Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HINE, Christine. *Etnografia virtual*. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, jan-abr, n19, 2002.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e a Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Discursos de ódio. In: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale (Org.) *Cenas latino-americanas da diversidade sexual e de gênero: práticas, pedagogias e políticas públicas*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2015.

MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.



MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs). *Metodologías de Pesquisas Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALES, Shirley Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In.: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs). *Metodologías de Pesquisas Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte, Mazza, 2014.

Recebido em 01 de dezembro de 2018

Aprovado em 27 de maio de 2019